

**Corpo Nacional de Escutas - CNE**

Porto, 28 de Fevereiro de 2009

## **Modelos na educação**

(notas para uma comunicação)

Agradeço o vosso convite e louvo a vossa iniciativa. Aproveito para agradecer o quanto devo ao CNE, como pai, pois por aqui passaram os meus três filhos e desse tempo tenho as melhores recordações.

### Introdução

Não existem muitas dúvidas acerca da importância dos adultos no desenvolvimento da identidade das crianças e dos adolescentes

Não existem também muitas dúvidas acerca do papel crucial dos pais e do ambiente familiar neste mesmo desenvolvimento

Também não existem muitas dúvidas que a formação da identidade de um jovem está relacionada com um ambiente sociocultural, que as perspectivas ecológicas sublinham, salientando as influências macrosistémicas, o papel dos pais e das famílias, das escolas e dos media. Todos eles interactivam e influenciam a formação da identidade e as competências sociais dos jovens.

Os pais, em primeiro lugar, e o ambiente familiar, transmitem valores que são fundamentais para a educação, a escolha de uma dada carreira e até profissão, as crenças religiosas e as escolhas políticas, o modo de ser e estar em comunidade.

Os pais entram também no rol dos “outros significativos” que fazem parte da constelação de modelos nos quais a maturação se insere: os pais influenciam escolas de actividades extra-escolares, a aparência (o vestir, p ex.), a música, os comportamentos sexuais e a utilização de substâncias ilícitas.

Os media, com destaque para a TV, a rádio, a Internet e os vídeo jogos representam hoje um campo cada vez mais importante pelas influências que exercem nos domínios cognitivo (e para que serve a aprendizagem escolar?) e socioemocional.

É na adolescência que começamos a adquirir e revelar o nosso próprio relato pessoal de vida, que é o discurso fundamentador da nossa identidade pessoal.

Uma das questões centrais que temos de colocar como adultos, no encorajamento à auto-determinação e responsabilidade de cada adolescente, é a de saber que apoio

damos na formação espiritual de cada um e na formação de uma identidade positiva, recheada de valores humanos positivos?

Para a reflexão de hoje colhi três pequenos elementos para ajudar a pensar as questões dos modelos educativos, no contexto social actual. Esses três tópicos são:

- a resignação do viver cada dia
- a actualidade do papel dos pais/família e dos professores
- o sentido do esforço e do trabalho árduo

Primeiro.

Desde logo, precisamos de ter e de comunicar um olhar positivo quanto ao futuro!

Como isto é difícil hoje! Mas como é crucial!

Precisamos de reconhecer e apoiar os comportamentos positivos, promover oportunidades de envolvimento pró-comunitário e estabelecer e promover normas pró-sociais, que combatam a fragmentação social e os riscos de desagregação e violência que tendem a instalar-se hoje (por isso na UCP damos tanta importância ao voluntariado na formação e desenvolvimento humano dos estudantes).

Precisamos de combater o presentismo, a recusa a olhar o futuro, o vício em que se tende a cair para pensar apenas o presente e no presente, como se estivéssemos a assinar a declaração de rendição da humanidade do ser humano, de derrota, de recusa a inscrever no futuro a nossa mesma humanidade, a nossa riqueza única, a nossa esperança, os novos possíveis, a alegria partilhado de que podemos viver em paz e justiça.

Já que estamos na Quaresma, podemos dizer que o jejum que Cristo nos propõe hoje não é o de desistirmos do futuro e de metermos a cabeça na areia, com uma garrafa de água na mão e um pão seco no bolso.

O presentismo é uma doença que está a ter influências negativas drásticas sobre os jovens: o que importa é viver cada dia! Não importa procurar ir um pouco mais longe, vislumbrar um pouco mais além.

No entanto, o importante, diria eu, é vivermos a esperança! O jejum que nos é pedido, como lembrava o Profeta Isaías esta semana, é combater as injustiças, libertar os oprimidos, vestir os nus, dar de comer aos famintos, dar abrigo aos infelizes.

Como realizar uma que seja destas missões sem pensar num futuro melhor para todos, como o poderemos fazer sem esperança? O nosso modelo principal, Jesus, constitui em si mesmo a recusa inequívoca desta cultura do presentismo. Os adolescentes e o desenvolvimento das identidades pessoais começam a ver fecharem-se à sua volta os campos das possibilidades de se ser alguém, de se poder ser aquilo que se é, aquilo que cada um de nós traz no mais íntimo de si, em liberdade e com ousadia e criatividade, exactamente porque não há futuro, porque temos de desistir do futuro, porque não vale a pena pensar qualquer futuro neste contexto de incerteza e de imprevisibilidade; resta-nos viver o dia-a-dia, celebrá-lo em festas ou guerras, em “botellons” no meio da rua e da noite, ou no isolamento e no medo, ...

Não, não nos podemos resignar ao fechamento no presente, temos de rasgar esta cela do tempo em que nos querem encerrar, não, não nos resta viver cada dia, a olhar para os pés. Sim, o que temos de responder á ao apelo da esperança, a esse força que nos convoca permanentemente a ir mais além, a não desistir, a procurar a outra mão e a seguir na procura da justiça e da paz.

Segundo.

Por outro lado, falemos dos modelos e dos mestres. Como são importantes neste tempo de procura, de exploração do mundo e de si, de experimentação, de busca de estilos, de relações, de caminhos, de interesses, de valores... à procura de si, de uma identidade, de um modo de ser e de estar na vida e no mundo.

Como os mestres e modelos despertam em cada ser humano poderes e sonhos que vão além dos seus, que abrem futuros, que anunciam possíveis impensáveis! Como eles induzem outros a amar aquilo que amamos, a despertar para os valores que nos vertebram!

Os pais são os primeiros e fundamentais modelos educativos e as famílias constituem a única instituição social (e quando digo única é mesmo porque não tem substituto) que é capaz de educar em valores fundamentais, num quadro de amor e afectos irrepetível, que não pode ser substituído pela escola. Os pais têm de ser os mais importantes actores na tomada de decisões dos filhos e referentes nucleares nos valores em que estes crescem. Para isso, os pais e as famílias precisam de tempo, o espaço emocional da família e as intersecções intensas que lhe são próprias requerem menos pressa.

Tudo muda, dizemos nós, e muda vertiginosamente, acrescentamos. Mas no ambiente familiar não pode haver tanta pressa, tem de haver tempo porque o tempo dos encontros humanos e dos afectos profundos é um tempo que pede tempo.

Diz Vasco Pinto Magalhães: “A família autêntica é comunidade de paz, é construtora de paz. A família oferece um modelo e uma fonte para se chegar à paz., num mundo em que em cada dia rebentam guerras. É na família que há verdadeira escola e prática do perdão, o entendimento das diferenças, a sabedoria do tempo,... se estes valores não se aprendem na família, não se aprendem em mais lado nenhum. Acabando com as famílias, como alguns querem, perde-se uma extraordinária fonte de paz”.

Por outro lado, os professores: eles também são cruciais na formação das identidades juvenis, são e podem ser ainda mais (os professores e os educadores em geral, como os dirigentes do CNE...)

G. Steiner, em “ Lições dos Mestres”, lembra que o verdadeiro ensino é uma vocação. É um dom, que se recebe e que se dá, gratuitamente, enquanto dom. O professor professa,

Ensinar com seriedade é lidar com o que existe de mais vital no ser humano, um mestre invade e pode devastar e reconstruir, pode corroer e encher as crianças e adolescentes de tédio ou alimentar as chamas de vida nascentes na alma dos alunos, despertar a sensibilidade e a responsabilidade.

O tempo social das crianças e dos jovens está hoje quase confinado à escola (e aí também aos pares). Os professores são hoje donos do tempo activo e social das crianças e dos jovens, a sua acção é da maior relevância. Os valores que se transmitem, a qualidade da transmissão, a procura incessante da verdade, ... tudo ajuda a formar as identidades juvenis. Não podemos apenas proletarizar a actividade dos professores, temos de a valorizar e credibilizar socialmente: eles tanto podem fazer das escolas esses tão importantes estaleiros de humanidade como essas instituições pretensamente acéfalas e neutras, que deixam as crianças e os adolescentes a vogar ao sabor do vento, dos media e dos pares, tantas vezes sem qualquer outro apoio permanente e estável de adultos. Os professores e educadores são convocados hoje para missões de educação escolar e social que não podemos abandonar ou desprezar, em nome de uma produtividade e de um utilitarismo tecnocráticos que recusam o próprio sentido básico da educação. A começar pela abertura das portas em relação ao futuro, a começar pelas janelas de esperança...

Terceiro.

Todos sabemos a relevância dos media na formação das crianças, jovens e até adultos, nos dias que vivemos.

Um dos grandes problemas da formação das identidades por via dos media reside nos referentes que são transmitidos: os ídolos e os modelos são quase sempre apresentados sob a capa do espectáculo, do estrelato, da frivolidade, raramente sob a dimensão do esforço e do trabalho. Que modelos são estes e que forjam estes modelos, assentes que estão na facilidade, no sucesso fácil, no azar e na sorte, ...? Que identidades ajudam a construir? Ou a consumir?

Ora, como também sabemos, os modelos que verdadeiramente servem a humanidade do ser humano são pessoas ou grupos de pessoas que arduamente construíram uma forma de ser e estar no mundo, que as mais das vezes se ultrapassam, que buscam ir mais longe e alcançar dias mais claros e horas mais dignas para cada ser humano.

Um estudo recente (de Malcom Gladwell) fala-nos do referente e da metáfora das “dez mil horas”, ou seja, do trabalho árduo que subjaz a cada verdadeiro ídolo/modelo dos nossos tempos. Mas esta realidade que subjaz, as dez mil horas de trabalho árduo e de ultra-passagem de si, isso já os media escamoteiam.

Gladwell referencia vários casos. Retenho dois: os Beatles e Bill Gates, modelos conhecidos de todos.

Os Beatles, uma banda escolar, que tinha começado a tocar em 1957, ainda não era mais do que isso, um grupo apenas conhecido e pouco em Liverpool, quando foi convidado a tocar em Hamburgo, na Alemanha, em bares nocturnos, por um empresário que queria ter uma forma de entretenimento nocturno que se prolongasse por muitas horas, enquanto as pessoas entravam e saíam. Não eram clubes de música dedicados ao rock and roll, pagavam mal, a acústica não era nada boa, o público que entrava e saía pouco queria saber da sua existência. Mas, tocavam toda a noite, a experiência que acumulavam era enorme e o trabalho em equipa era incrivelmente amadurecido. Em Hamburgo, não podiam tocar apenas uma hora, com repertórios construídos sobre as melhores canções, como em Liverpool, tinham de tocar oito horas e não tinham outro remédio que não fosse inventar outras formas de tocar, como confessa Lenon.

Quando alcançaram o seu primeiro êxito, em 1964, já tinham actuado em público umas 1.200 vezes, algumas das quais nestas longas sessões de Hamburgo, pelo menos 270. Os êxitos que se seguirão têm uma base de árduo e intenso trabalho em equipa, basta lembrar que a maior parte das bandas hoje não actuam em público sequer 1.200 vezes, ao longo de toda a sua carreira. Desta capacidade de trabalho árduo pouco ou nada se fala...

Bill Gates, o fundador de Microsoft, começou no 7º ano de escolaridade a aplicar-se como programador. Na escola de Lakeside, uma escola privada, em Seattle, para onde foi estudar, o Clube das Mães da Escola decidiu investir, naquele ano de 1968, 3,000 dólares num terminal informático, para animar um Clube de Informática na escola. Gates passou horas nessa sala do Clube, com outras colegas. E nunca mais viria a largar a programação. Durante os cinco anos do resto da formação pré-universitária, frequentava, depois das aulas, o centro de informática da Universidade de Washington (C3) e, depois deste ter encerrado, passou a ir para uma empresa local de sistemas de informação. Programava umas vinte a trinta horas por semana, como o próprio Bill Gates confirma no seu depoimento. Quando abandonou os estudos na Universidade de Harvard, ao segundo ano, para fundar a Microsoft, levava consigo sete anos consecutivos de programação e mais de dez mil horas de trabalho árduo acumuladas.

Não, não é o consumo que educa, não é o ter mais que conta, não é a resignação que forma os construtores da paz e da justiça.

O esforço, o trabalho árduo, os ambientes escolares de actividade e não de passividade, assim deveriam ser as nossas escolas, verdadeiros estaleiros de humanidade, com uma influência central na formação das identidades juvenis.

Diz a recente carta pastoral do nosso episcopado sobre a educação: “a nossa esperança radica numa educação antropológicamente fundada, que se oriente pela educação integral de cada pessoa, em liberdade, num quadro de convivência solidária, em ambientes escolares de árduo trabalho e pedagogicamente estimulantes, em que os professores sejam educadores competentes e eticamente fundados e dedicados. Em que os alunos trabalhem, aprendam e sejam educados para uma inserção social participativa, crítica e criativa e em que as comunidades locais acalentem, apoiem e estimulem a aprendizagem de todos ao longo de toda a vida.”

Precisamos hoje de modelos, como sempre precisaram os humanos para crescerem e serem aquilo que são chamados a ser. De modelos que nos abram, nos convoquem, nos des-envolvam, que nos puxem para fora de nós e que, ao mesmo tempo, nos reenviem ao mais íntimo de nós, precisamos do confronto com cada outro, com outros rostos e outras liberdades para podermos crescer e para nos podermos revelar como somos, obras únicas do Criador.

Como diz S. Agostinho, nos Sermões,  
“Nós falamos, mas é Deus quem ensina”

Joaquim Azevedo  
Porto, 28 de Fevereiro de 2009.